

AMPLIAR O ERÓTICO COM ARTES E EDUCAÇÃO

VANESSA CRISTINA DIAS¹; ALINE ACCORSSI²

¹Universidade Federal de Pelotas – vanessacristinadias_@live.com

²Universidade Federal de Pelotas – alineaccorssi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é recorte da pesquisa de mestrado em andamento pelo Programa de Pós-graduação em Educação da UFPel, em que busco ampliar o conceito de erótico e, investigar e refletir sobre como ele pode ser compreendido e praticado, por meio das artes visuais e da educação, frente aos modos de subjetivação dominantes a fim de propor outros modos de ser, pensar e agir tendo o erótico como matriz. Dada a dimensão desse texto, opto por enfatizar alguns pontos que revelam a importância do erótico para as artes e a educação, pois ele se encontra em falta, já que “O mundo público da aprendizagem institucional é um lugar onde o corpo tem de ser anulado, tem que passar despercebido” (hooks, 2018, p. 145).

Erótico é um conceito oriundo do mito grego de Eros, uma das divindades que representa o amor. É considerado “uma força preponderante na ordem do universo, responsável pela perenidade das espécies e pela harmonia do próprio Cosmos” (KURY, 2009, p. 131), “uma força que intensifica nosso esforço global de autorrealização” (HOOKS, 2018, p. 150). Em outras palavras, Eros é a “personificação de amor em todos seus aspectos – nascido do Caos, e personificado no poder criativo e harmonia” (LORDE, 2019, p. 69). Eros foi suprimido na figura do cupido e a partir de então, relações mais diretas com a sexualidade foram tecidas, inscrevendo historicamente no conceito essa dimensão como a central.

Porém, pela própria definição, o erótico não se refere apenas as questões da sexualidade ou do ato sexual. Ele tem outras dimensões que se referem “de forma mais geral à sensualidade, espontaneidade, paixão, alegria e estimulação prazerosa” (GAARD, 2011, p. 200). Para Audre Lorde, importante feminista negra, o erótico deve ser pensado como empoderamento para mulheres. Ele é a “afirmação da força vital de mulheres; daquela energia criativa empoderada, cujo conhecimento e uso nós estamos agora retomando em nossa linguagem, nossa história, nosso dançar, nosso amar, nosso trabalho, nossas vidas” (LORDE, 2019, p. 69). Entendo que é necessário às mulheres, se desprender do “masculinismo do sujeito soberano moderno para produzir outras reflexões, outros recursos intelectuais que nos sejam necessários” (RIBEIRO, 2017, p. 211).

Mas na verdade, o erótico é força vital não só de mulheres, mas de todos os corpos que se lançam na experimentação ampliada das várias dimensões do erótico, o que tem ressonância na importância de investirmos em nossa satisfação plena, em nosso bem-estar e bem-viver. Erótico pode ser pensado na forma de prazer intelectual e físico, sempre na relação com as outras pessoas. Deixar a satisfação atrelada apenas ao sexo “seria, portanto, reducionista” (CANSECO, 2022, p. 115). Nas artes e na educação, “precisamos deixar de pensar essas forças [do erótico] apenas em termos sexuais, embora essa dimensão não deva ser negada” (HOOKS, 2018, p. 149). Afinal, “A educação é um processo social, é

desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida" (DEWEY, 1959).

2. METODOLOGIA

A metodologia está na reflexão empreendida, auxiliada por autoras/es que pensam o erótico, a educação, as artes e marcadores de gênero e sexualidade. Como professora, pesquisadora, artista e feminista, mas principalmente como educanda, entendo as artes como impulsionadora dos sentires. E sem sentir, não é possível sermos afetadas/os e tampouco compreendermos um determinado tema com interesse. Arte e educação caminham juntas, estão sempre imbricadas, já que “arte é educação e educação é arte” (CAMNITZER, 2017). Mas, esse entendimento não é compartilhado por todos os campos e vieses do conhecimento. Na verdade, ainda há quem delimite as barreiras entre arte e educação, pois ainda não derrubamos completamente fronteiras maiores como as que existem entre Ciências, Artes e Humanidades. Nesse sentido, as teorias de gênero e de(s)colonial, só para citar algumas, vêm se conectando “quando o assunto é a relação entre arte, corpo e saber” (MEDEIROS, 2020, p. 26), no esforço de borrar e diluir as fronteiras acadêmicas.

3. DISCUSSÃO

A partir de reflexões críticas realizadas nas aulas da graduação em Artes Visuais – Licenciatura, que relacionavam Arte e Educação, pude compreender como nos anos iniciais as atividades voltadas às artes eram valorizadas, fazendo uma relação tanto com a criatividade quanto com a infância. Ser mais livre e criativo é um aval dado às crianças como natural e bem-visto, em que se pode estabelecer uma conexão com erótico que vai sendo dizimada com o passar do tempo, em que vai se tornando necessário se destacar em outras disciplinas, por vezes, compreendidas como mais “racionais”. Conforme se avança nos anos escolares, menos a arte é compreendida como uma área do conhecimento almejada e incentivada a ser seguida, não só por pais e familiares, mas inclusive pela comunidade escolar, o que pode vir a impossibilitar vislumbrar e investir nessa carreira e/ou até de manter *hobbies* relacionados a ela. Assim, as habilidades que “não servem para serem usadas, mas para serem gozadas” (ALVES, 2005, p. 9), como a arte é comumente vista, são menosprezadas.

Isso se dá, pois a ideologia neoliberal domina nossa subjetividade. Essas hierarquizações de saberes são a antítese do erótico. Aliás, “existe uma hierarquia” (LORDE, 2019, p. 73) que diz de sobre nossos fazeres, mas apenas em termos quantitativos, não de qualidade. É verdade que erótico vem sendo invisibilizado e inviabilizado pelo neoliberalismo, em que nas relações sociais pode ocorrer uma anulação do outro, dificultando a afectação e a conexão entre as pessoas. Nessa lógica que nos subjetiva, há uma primazia por empreender a si de um ponto de vista técnico, em que o “eu” se configura em empresário racional voltado ao lucro, com ênfase nas vantagens e benesses que pode vir a adquirir e não às necessidades humanas, muito menos às necessidades coletivas, conforme Lorde nos explica:

O maior horror de qualquer sistema que define o bom com relação ao lucro, e não às necessidades humanas, ou que define as necessidades humanas a partir da exclusão dos componentes psíquicos e emocionais dessas necessidades – o horror maior de

um tal sistema como esse é que rouba de nosso trabalho seu valor erótico, o seu poder erótico e o encanto pela vida e pela realização. Um sistema como esse reduz trabalho a um arremedo de necessidades, um dever pelo qual ganhamos pão ou esquecimento de quem somos e daquele que amamos. No entanto, isso equivale a cegar uma pintora e em seguida dizer a ela que melhore sua obra e aprecie o ato de pintar. Não é algo praticamente impossível, mas também profundamente cruel (LORDE, 2019, p. 68 e 69).

A educação no Brasil é uma educação, por vezes, com fortes traços neoliberais. Nela, o erótico vem sendo esquecido por meio da recusa do corpo e do amor nas relações educativas, principalmente entre professoras/es e alunas/os, em que há um privilégio do ideal de racionalidade moderna em detrimento das dimensões do erótico corporificado, sendo que elas “não tinham necessidade de ser negados para que a aprendizagem ocorresse” (HOOKS, 2018, p. 147 e 148). Pelo contrário, “como uma força motivadora” (HOOKS, 2018, p. 149), em que no sentir-pensar é possível apreender um determinado tema. E as artes proporcionam, por excelência, a criatividade, essencial para a resolução de problemas. Junto da criticidade, ofertada tanto pelas artes quanto pela educação, que é uma das tarefas mais importantes, já que podem, segundo Paulo Freire (2000, p. 46):

[...] propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar (FREIRE, 2000, p. 46).

Daí a importância de unir artes e educação com o erótico, pois assim, não há separação entre nossos pensamentos e sensações, tendo como objetivo, “aumentar as possibilidades de prazer e alegria” (ALVES, 2011, p. 84), sem dividir razão/erótico. Ampliando as aberturas tanto de satisfação pessoal e coletiva, quanto de transformação, mesmo que micropolítica, dos problemas diários.

4. CONCLUSÕES

Há, no erótico, uma forte recusa a todo pensamento binário. No compromisso de ser professor/a, é preciso reforçar os entrelaçamentos entre racionalidade e erótico, complexificando inclusive, relações mais mundanas como por exemplo, entre bem e mal, bom e ruim, belo e feio, e principalmente, entre o “eu” e as outras pessoas. Pois o ideário que separa, hierarquiza e exclui essas noções, se pauta no distanciamento arbitrário e em opressões diversas que são violentas.

O erótico pressupõe uma abertura para com a alteridade, com o desconhecido, com o estranho, com o pouco valorizado. Tanto essa abertura, quanto em nossa relação direta com o erótico, é necessário encorajar o se expressar livremente, criar e formular pensamentos e ações perante nossas habilidades e vontades, na busca de nos satisfazermos plenamente em nossas vidas, seja dentro da escola, mas também na nossa formação enquanto seres que sentem e pensam.

O erótico é um tipo de subversão sensível que acontece em nosso interior e nos espaços cotidianos e a arte e a educação podem ser ferramentas de liberação de nossos corpos. Em que outras sensações, saberes, modos de produzir arte e ensinar podem surgir sem nos guiarmos por preocupações apenas mercadológicas

e institucionalizadas. No qual o prazer seja a direção e os afectos a medida mesmo dentro de um contexto sistêmico da educação mercadológica. Afinal, não podemos mudar tudo, mas só podemos mudar alguma coisa no fazer, de preferência, agenciando o erótico em devir.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. **A educação dos Sentidos e mais...** Campinas: Editora Versus, 2005.

ALVES, Rubem. **Variações sobre o Prazer**: Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

CANSECO, Alberto (Beto). Sobre Eros e sua força subversiva: carta a quem quiser mudar o mundo. In: AMBRA, Pedro (org.). **As subversões do erótico**. Coleção Ecos. São Paulo: Editora Bregantini, 2022. p. 109-119.

CAMNITZER, Luis. **Ni arte ni educación**. 2017. Disponível em: <<http://www.niartenieducacion.com/project/textos/>>. Acesso em: 10 set. 2023.

DEWEY, John. **Como pensamos**: como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo (uma reexposição). 4. ed. São Paulo: Nacional, 1959.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

GAARD, Greta Claire. Rumo ao ecofeminismo *queer*. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 197, jan. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000100015>>. Acesso em: 31 jul. 2023.

HOOKS, bell. Eros, erotismo e processo pedagógico. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 4. ed. Belo Horizonte: Grupo Autêntica, 2018. p. 143-156. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788551301692/>>. Acesso em: 18 out. 2022.

KURY, Mário da Gama. **Dicionário de mitologia grega e romana**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LORDE, Audre. Usos do erótico: o erótico como poder. In: LORDE, Audre (org.) **Irmã outsider**. Ensaios e Conferências. 1ª ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019. p. 66-74.

MEDEIROS, Afonso. Artes, Pornoerotismos e Identidades LGBTQIA+ em trânsitos estéticos. **Revista Apotheke**, Florianópolis, v. 6, n. 3, 2021. Disponível em: <<https://revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/19056>>. Acesso em: 31 ago. 2023.

RIBEIRO, Loredana. Crítica feminista, arqueologia e descolonialidade. **Revista de Arqueologia**, v. 30, n. 1, p. 210-234, jul. 2017. ISSN 1982-1999. Disponível em: <<https://www.revista.sabnet.com.br/revista/index.php/SAB/article/view/517>>. Acesso em: 25 ago. 2023.